

BRINCANDO COM FOGO

ALBANO, Eleonora Cavalcanti (1990) *Da Falá à Linguagem Tocando de Ouvido*. São Paulo, Martins Fontes, 124 p.

Resenhado por: Luiz Percival Leme BRITTO
(Universidade Estadual de Campinas)

Foi certamente inspirada por "suas" crianças que Eleonora Albano decidiu fazer uma bela traquinagem e, ao invés de reproduzir ou aplicar teoria, ela propõe uma teoria. Tal traquinagem, rara em terras brasileiras, tem sempre o risco de suscitar iras e ressentimentos, além de ser mal entendida. No caso do livro em questão, o risco é ainda maior, porque mais audacioso é o passo da autora: assumindo a tradição kantiana do racionalismo crítico, a autora propõe adequar o legado piagetiano aos estudos da linguagem, de modo a encontrar um caminho que supere armadilhas resultantes da polarização racionalismo X empirismo.

Já de início, anote-se que a superação acima não se confunde nem com a fusão de teorias concorrentes, nem a recusa do debate. Albano faz questão de posicionar-se, claramente, optando por uma concepção epistemológica explícita - o kantismo dinâmico - e por uma interdisciplinaridade intensa. Sua postura é antes a do diálogo intenso e não sectário do que a de um ecletismo fácil e voluntarioso.

Defende a autora que o insucesso da aplicação da teoria construtivista de Piaget na psicolinguística teria decorrido do equívoco de tentar reduzir "a linguagem a uma cognição mais geral; tal fato seria lamentável, "porque Piaget tem uma postura epistemológica muito mais avançada que a de Chomsky; (...) e se é um retrocesso desprezar a especificidade da linguagem... é um retrocesso também explicá-la através de idéias inatas" (p.19).

Sua intenção é reter do construtivismo a idéia de que o conhecimento é construído com base na experiência

subjetiva do indivíduo, não decorrendo, portanto, de sua herança biológica. No caso específico da linguagem, ela "se constrói a partir de condutas sensorimotoras neurofisiologicamente mais plásticas, isto é, mais capazes de se interligar a outras condutas sem perder a própria autonomia, a saber: a vocalização/audição e, alternativamente, na surdez, a gesticulação/visão" (p.15). Esta tese atribui um papel fundamental ao elemento fonológico na emergência e estruturação da linguagem e da gramática, bem diferente daquele que lhe tem sido atribuído, além de pôr em xeque cânones bem estabelecidos na lingüística contemporânea.

A "chave do enigma" está, para a autora, nas "invenções idiossincráticas" que certas crianças fazem. Muito sucintamente, trata-se da criação de regularidades inovadoras; desviando-se do modelo adulto, como por exemplo, a criação de "formas verbais imperativas" do tipo "vencato" e "midato" (de vem cá e me dá) a partir de "sentato" (sentado). Estas formas "constituem um caso particular de um processo de apreensão de unidades que reorganiza o toque de ouvido (entenda-se a atividade subjetiva) conduzindo a novas e mais sofisticadas manipulações simbólicas" (p.78), revelando "de maneira transparente o ingresso de unidades sensorimotoras da fala (isto é, fonéticas) no âmbito do simbólico" (p.76). É importante destacar que no momento em que cria "vencato", a criança não está trabalhando com categorias funcionais da linguagem adulta, mas apenas jogando com possibilidades articulatórias da língua.

São poucos os exemplos empíricos oferecidos pela autora, servindo antes como fundo argumentativo do que como "prova crucial". De fato, para fundamentar sua posição, ela se empenha em um percurso teórico em que revisita criticamente alguns pressupostos básicos do inatismo e do construtivismo, fundamentalmente aqueles referentes às noções de sujeito, de símbolo e de aprendizagem.

Inicialmente, Albano admite existirem "predisposições inatas já bastante específicas e diferenciadas no recém-nascido, (que) retratam uma sensorimotricidade suficientemente pré-estruturada para sustentar desde cedo processos de abstração e reorganização progressivas" (p. 21). Entre outras evidências, estariam a capacidade do recém-nascido de sincronizar seus movimentos à fala humana, sua habilidade de ecoar vocalizações e mimetizar expressões de um rosto próximo e sua preferência pela consistência da estimulação multi-sensorial. No entanto, contrariamente ao que advogam os inatistas, estas especializações inatas não constituem estruturas rígidas, mas sistemas que interagem e se modificam, construindo outros sistemas e módulos. A própria linguagem seria um "módulo emergente", resultante de três componentes mais antigos: o "módulo auditivo-vocal", a "subjetividade" e a "manipulação simbólica" (p.64). Uma posição como a sustentada por Fodor, por exemplo, que supõe uma "arquitetura neural fixa", seria "inconsistente com tudo que se sabe hoje sobre o funcionamento do cérebro"(p.50).

Também a noção de sujeito (e, conseqüentemente, de subjetividade) é revista pela autora. Em contraposição à idéia de um sujeito capaz de comandar todo o processo de auto-regulação, como pensa Piaget, Albano propõe um indivíduo construído por um processo em que o conhecimento se auto-organiza a partir das interações dos sub-sistemas que o compõem; os objetos de conhecimento humano, "frutos de uma elaboração demorada para a qual contribuíram achados, casuais ou não, de milhões de indivíduos, sofreriam um processo de auto-referência "que os torna mais ou menos resistentes às flutuações das circunstâncias". "A auto-referência do objeto limita o poder da auto-organização do sujeito na medida em que o ferece pistas sobre as direções já trilhadas com sucesso pela comunidade" (p.21).

O resultado deste processo não é um sujeito entendido como instância centralizadora de todo conhecimento

- como aquele pressuposto em teorias como a de Chomsky e, também, de Piaget -, mas um indivíduo visto como "um agregado anárquico que se organiza mediante a interação das instâncias psíquicas que o compõem, (sendo) a subjetividade uma dentre (essas) instâncias" (p.51). Ela corresponderia ao "espaço da curiosidade, do jogo, respondendo pela parcela de liberdade que nos cabe a cada um" (p.22).

O símbolo, por sua vez, é um objeto público, resultado de longo processo de maturação: "a gramática é uma idealização que racionaliza as irracionalidades remanescentes da história concreta da construção da linguagem, aproximando-se, pois, gradativamente, ao longo da auto-gênese, de um sistema formal. Não é nem poderia ser anterior à lógica viva dos usos" (p.43).

Resta a questão relativa às teorias da aprendizagem, um dos mais fortes argumentos da linguística chomskiana contra aqueles que não aceitam o inatismo. Chomsky costuma argumentar que, dadas as especificidades e complexidades da linguagem, sua aquisição seria praticamente impossível por um mecanismo geral de aprendizagem e que apenas um mecanismo específico, inatamente determinado, poderia dar conta de tal tarefa. A pedra de toque desta apresentação é a "pobreza de estímulo" e o "caos linguístico" com que o aprendiz tem que lidar.

Albano procura contestar Chomsky de dois modos. Por um lado, trata de mostrar as armadilhas epistemológicas de que a teoria gerativa se arma ao postular estruturas inatas tão especializadas e fixas; há, aí, problemas de definição de sujeito, de símbolo e de linguagem. Em suas palavras, "invocar uma sintaxe e uma semântica inatas é admitir o solipsismo rechaçado por Wittgenstein, no seu convincente argumento contra a linguagem privada. É, ainda, afirmar que a sintaxe e a semântica das línguas naturais são tão arbitrárias, que não podem resultar de uma reorganização da experiência anterior com a própria linguagem e com outras formas de conhecimento" (9.93). Resenhando a literatura linguísti

ca e psicolingüística, inclusive aquela próxima a Chomsky, ela constata um movimento no sentido de reduzir drasticamente o componente inato da linguagem, que ficaria restrito a: "princípios gerais ou operacionais" capazes de deslanchar o processo lingüístico no indivíduo.

Por outro lado, a autora procura argumentar positivamente a favor de sua tese de que a gramática nasce da fonética/fonologia. Desde o nascimento, o indivíduo está experimentando as possibilidades físicas de seu corpo e, se não pode produzir nada muito próximo da fala, é por razões puramente econômicas; no entanto, sua capacidade (inata) de discernimento é já bem desenvolvida, atestando-a o fato de o bebê ser atraído pela fala humana, preferindo-a a outros estímulos auditivos desde logo. Quando, por volta de terceiro mês, as mudanças no trato orofaríngeo ampliam as possibilidades fonatórias, o que a criança aprende é "parear vários domínios de sensações discretas e a coordená-los e concatená-los entre si" (p.59). Esta possibilidade de decompor o gesto e de integrar partes permite o desenvolvimento de uma gramática com estruturas hierarquicamente "bem constituídas". Seu exemplo é o enunciado "Quem é macaca de neném é a vaca leiteira" de uma criança de 19 meses. A frase tem "entonação e acentuação próprias de uma estrutura rítmica representável por árvores com ramificação à direita; (...) trata-se, agora, não de criar uma estrutura sintática a partir de uma cadeia ou de uma lista de itens, mas de compô-la aproveitando partes de uma estrutura fonológica que partilha muitas de suas propriedades" (p.106).

Assim, pode-se dizer, resumidamente, que "quatro condições são absolutamente imprescindíveis para desenvolvimento da linguagem: (1) a presença de um interesse subjetivo por ela; (2) a existência de, pelo menos, um sistema sensorimotor que permita exorbitar da brincadeira; (3) a inserção da criança num meio onde a linguagem faça parte de rotinas significativas; e (4) a presença de uma língua minimamente auto-referenciada. Em suma, a

língua é deslanchada subjetivamente, sendo, ao mesmo tempo, suficientemente auto-organizável, para desenvolver-se independentemente dos acidentes normais da história de cada um.

Albano conclui que o papel da predisposição inata (entendida como sistemas abertos, flexíveis) é uma questão empírica que merece investigação cuidadosa. "É plausível que o módulo lingüístico se componha de habilidades herdadas, daqui e dali, e reorganizadas em função da própria tarefa de falar e entender. Porém, é igualmente plausível que algumas peças estratégicas desse sistema longamente elaborado pela filogênica lhe pertençam exclusivamente" (p.112).

Os riscos que Albano resolveu correr ao elaborar sua proposta não são pequenos. Seu trabalho recoloca questões fundamentais para a lingüística e para os estudos de aquisição de língua. Ao rejeitar o modelo chomskyano, ela põe aos pesquisadores a tarefa de explicitar tanto a natureza e a extensão das "especializações inatas", quanto o modo (ou modos) como se combinam e atuam na construção da língua. Além disso, obriga a uma revisão da relação entre sintaxe e fonética/fonologia, já que a primeira "nasce" da segunda. Finalmente, sugere uma via possível e coerente de estudar a aquisição da língua pelo indivíduo, sem deixar de considerá-la como objeto sócio-histórico. Sem dúvida, esta última questão é prenhe de armadilhas, como aquelas em que caíram as correntes culturalistas; Albano parece consciente deste risco e, por isso, descarta desde logo noções do tipo "partilha" e "interiorização".

Para reunir, coerentemente, achados e reflexões de correntes tão díspares, como fez Albano, é preciso atuar de modo independente e crítico, com todas as dificuldades e ameaças que tal atitude implica. A própria autora realça que "a presente proposta permanece no domínio especulativo, visando a articular o programa em questão com hipóteses auxiliares concernentes a

problemas seculares da psicologia dos processos mentais superiores e, em particular, da linguagem" (p.70). Se seu trabalho não desse outros frutos - e isto dependerá das pesquisas empíricas que desenvolve a autora e, esperamos outros que se inspirem em suas reflexões - , já teria sido suficiente a demonstração de que é possível trabalhar interdisciplinarmente e negociar com diversas teorias de linguagem de modo sério e coerente. Albano mostra que a pesquisa empírica exige a adoção consciente e crítica de um modelo teórico, que se articule amplamente com as diversas áreas de investigação científica e filosófica (neste aspecto, aliás, mostra que soube ler e entender seus dois interlocutores privilegiados - Chomsky e Piaget).

Da Fala à Linguagem Tocando de Ouvido articula a lingüística teórica, a fonética e a psicolingüística num quadro teórico que considerará as questões fundamentais do homem e da ciência. É, por isso, um livro de leitura obrigatória (e, de resto, muito agradável) para aqueles que pretendam mais que aplicar teoria.